

Alfredo Dias
Gomes celebra um
de seus ídolos

PÁGINA 4



Liam Gallagher
recruta John
Squire para álbum

PÁGINA 5



O premiado
'Levante' vai ao
Festival de Bergamo

PÁGINA 7



2º CADERNO

Léo Rosário/Divulgação

Veterana atriz com mais de 40 novelas no currículo, Arlete Salles brilha com dois papéis e protagoniza 'Família é Tudo', a nova trama das 19h na Globo

Por **Matheus Rocha** (Folhapress)

Com mais de 40 novelas no currículo, a atriz Arlete Salles estava determinada a diminuir o ritmo de trabalho. "Tinha falado isso para quem quisesse ouvir. Só que foi justamente quando comecei a trabalhar mais." No ano passado, ela recebeu dois convites difíceis de recusar. O primeiro para participar de "Dona Lurdes: O Filme", derivado da novela "Amor de Mãe" estrelado por Regina Casé, e o segundo para protagonizar "Família É Tudo", novela que estreou segunda-feira (4) na faixa das 19h da TV Globo. "Quando comecei a gravar a novela, estava bem angustiada." Afinal, na trama de Daniel Ortiz, o trabalho de Arlete é dobrado.

Ela encarna o clichê das irmãs gêmeas opostas. Frida é uma mulher vivaz e amorosa que tenta reaproximar os cinco netos, que se afastaram após a morte do pai. Catarina, por outro lado, é soturna e invejosa. Ela é sustentada pela irmã e se ressentida por seu filho não ter direito ao patrimônio dela.

Em um acidente de cruzeiro, Frida desaparece e é dada como morta. O testamento da matriarca deixa a família em polvorosa. Se quiserem ter acesso à fortuna, os netos precisarão morar juntos por um ano e deixar as diferenças de lado.

Quando foi escalada, a atriz se questio-



Aos 85 anos, Arlete também aceitou convite para gravar um filme derivado da novela 'Amor de Mãe'

Talento em campo para derrubar o etarismo

nou como conseguiria mostrar ao telespectador as diferenças entre duas personagens fisicamente idênticas. Encontrou a resposta no texto de Ortiz. "Os sentimentos estavam claros ali. Elas representam o bem e o mal.

Uma é iluminada, cheia de vida; a outra se recolheu e escolheu o lado mais escuro da vida."

Apesar de ter mais de cinco décadas de carreira, o frio na barriga que antecede uma estreia não vai embora. "A gente está vivendo

esses momentos com muita expectativa e ansiedade. Queremos saber como a história vai bater no público e se ele vem com a gente."

São preocupações que se tornam ainda mais prementes diante da baixa audiência de "Fuzuê", antecessora de "Família É Tudo". Com 19,2 pontos de média em São Paulo, ela se tornou em dezembro a novela das sete menos vista da Globo.

Problema parecido acontece na faixa das seis horas. "Elas por Elas" também se tornou a novela com a menor audiência para o horário. Diante desses números, uma pergunta é quase inevitável – o Brasil está perdendo interesse por novelas?

"Na verdade, acho que existem mais opções", diz Arlete. "São mais canais, produções e plataformas de streaming. É difícil segurar a atenção do público. Mas acho que ainda teremos sucessos na teledramaturgia. O público sempre vai ter interesse por uma história boa e bem contada."

Continua na página seguinte

'A comédia é a forma mais elegante de falar de coisas sérias'

Divulgação TV Globo



Com Copélia, da sitcom 'Toma Lá, Dá Cá', Arlete encarou o etarismo em um momento em que o preconceito contra pessoas idosas nem tinha nome. O problema atinge sobretudo mulheres, contra as quais imposições estéticas recaem de maneira mais severa além de reprimir a sexualidade das pessoas mais velhas

Arlete Salles conhece o sucesso de perto e já viveu enredos que caíram nas graças do público. A atriz se firmou na teledramaturgia em razão da verve cômica de suas personagens. Exemplos disso são a espalhafatosa Miriam, da novela "Bravo!", de 1975, e a interesseira Laura, de "Selva de Pedra", no ar entre 1972 e 1973.

Escrita por Janete Clair, a trama marcou a aproximação de Arlete com o humor em telenovelas. "Não tinha consciência de que eu era uma comedianta, mas eu devo ter inspirado os autores com quem trabalhei. Até porque sou geminiana, uma pessoa que leva a vida com mais leveza e otimismo." Ela, porém, já se preocupou por ser vista como humorista.

"Eles não têm o mesmo prestígio que os chamados atores sérios. Mas fui em frente com orgulho de ser reconhecida como uma comedianta", diz a atriz. "A comédia é a forma mais elegante de falar de coisas sérias."

Foi isso o que ela fez ao dar vida à Copélia, personagem espertada e fogosa de "Toma Lá, Dá Cá", série de Miguel Falabella exibida na Globo entre 2007 e 2009.

É uma personagem que renovou seu público e subverteu uma série de pressupostos sobre mulheres que chegam à terceira idade. Um deles é o de que esse grupo precisa renunciar à vida sexual em favor do celibato. Copélia não apenas aceitava seu desejo, como não tinha medo de afirmá-lo publicamente. "Miguel usou essa personagem exatamente para drenar a intolerância que existe em relação à sexualidade das pessoas com mais idade", conta.

De certa forma, Copélia encarou o etarismo em um momento em que o preconceito contra pessoas idosas nem tinha um nome. O problema atinge sobretudo mulheres, contra as quais imposições estéticas recaem de maneira mais severa.

"É grande o número de atrizes que vão envelhecendo, mas que não se afastam do meio. Elas são afastadas da profissão", diz Arlete, que tem 85 anos. "Elas são postas nos bastidores e ficam isoladas nesse lugar, que vai se estreitando cada vez mais. São enormes as queixas de desvalorização."

Ela diz que é um contrassen-

so lançar atrizes mais velhas na invisibilidade. Isso porque essas profissionais são donas de um grande domínio técnico em razão da experiência.

"A idade traz conhecimento sobre a profissão e isso é importante em qualquer área. Eu me sinto mais confortável em cenas nesses últimos anos."

É uma confiança que tem colocado Arlete nas alturas. Em dezembro, ela gravou cenas de "Família É Tudo" no topo do edifício Mirante do Vale, que tem 51 andares e fica no centro da capital paulista.

Debaixo de um sol inclemente, a atriz vestia um macacão cor-

-de-rosa e se preparava para uma cena em que Frida desce o prédio de rapel. A passagem foi gravada com o auxílio de uma dublê. "Estou muito mais segura e confiante. Isso traz uma certa qualidade ao meu trabalho."

Ela, porém, não idealiza a velhice. "Envelhecer não é bom. Não é bom fisicamente, não é bom emocionalmente. Mas a festa não acabou. Podemos tomar um drinque e dar uns volteios."

Ao longo da carreira, Arlete se tornou a musa de alguns autores. Além de Copélia, Falabella a escalou para viver a Anabel Muñoz, de "Salsa e Merengue", em 1996.

O papel lhe rendeu o prêmio de melhor atriz da Associação dos Críticos Teatrais de São Paulo.

Depois, chamou a artista para atuar nas peças "A Vida Passa" e "A Partilha", espetáculo que ficou seis anos em cartaz e foi visto por mais de um milhão de pessoas.

Arlete também firmou uma longa parceria com Aguinaldo Silva, com quem trabalhou em novelas como "Fera Ferida", "Pedra sobre Pedra", "Porto dos Milagres" e "Fina Estampa".

Para conquistar esse currículo volumoso, ela precisou fazer frente ao preconceito. Natural de Paudalho, a cerca de 50 quilômetros de Recife, sonhava em ser artista ainda criança. "Eu fugia de casa e ia para rádios assistir aos programas. Até que eu vi uma chamada para fazer um teste." Não foi aprovada, mas a convidaram para trabalhar como locutora. Em 1958, entrou para a Companhia Barreto Júnior, na qual estreou da dramaturgia com a peça "A Cegonha se Diverte".

Depois, começou a fazer teleteatros na TV Tupi de Recife, mas decidiu se mudar para o Rio de Janeiro em busca de mais oportunidades.

Foi nesse período que se viu alvo de piadas por ser nordestina. "Antigamente, quando eu cheguei aqui, o humor era calcado na nossa forma de falar. Comecei a sofrer bullying."

Arlete lembra que, quando passavam por ela, imitavam sotaque de pessoas do Nordeste. "Diziam: 'Oi, bichinha! Ôxente!' No início, é engraçado. Depois, fica cansativo." Decidiu então neutralizar o sotaque para evitar as gozações.

Esse cenário começou a mudar em 1989, quando deu vida à meiga e virginal Carmosina na novela "Tieta", de Aguinaldo Silva. Como a trama era ambientada numa cidade fictícia do Nordeste, pôde dar vazão a seu modo de falar. "Foi a primeira vez que libertei o meu ser mais íntimo, a minha nordestinidade. A partir dali, não deixei meu sotaque me aprisionar. Ele é o meu jeito. É o meu charme."

Divulgação



Omar Sy gravita entre um mundo de fantasia e a realidade em 'O Príncipe Esquecido'

Globo exhibe 'O Príncipe Esquecido', com o astro de 'Lupin' sob a direção do oscarizado realizador de 'O Artista'

Era uma vez... Omar Sy na 'Sessão da Tarde'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Estrela de um dos títulos mais badalados da última Berlinale ("The Stranger's Case"), dono de um público cativo na Netflix, graças à série "Lupin", Omar Sy terá uma "Sessão da Tarde" toda só pra ele nesta quarta-feira (6), na TV Globo, às 15h30, "O Príncipe Esquecido". É um filme não só pela potência plástica de sua narrativa, mas, sobretudo, pelo desempenho de seu protagonista, num território de fábulas.

Por culpa da pandemia, essa suntuosa produção virou uma mágoa no coração do cinema europeu, pois iniciou sua trajetória comercial quando as salas de projeção foram fechadas. Agora, via televisão, a saga de amor paterno protagonizado por Sy ganha uma segunda chance de alcançar multidões.

"Estou sempre atrás de filmes capazes de expor o jogo de máscaras que disfarça o preconceito na França, no mundo", disse Sy, em passagem pela Berlinale, quando a atração desta quarta da mais longa sessão de cinema na TV aberta do país era produzida.

Um dos atores mais populares da França, Sy é filmado pelo o cineasta francês Michel Hazanavicius, que entrou para a posteridade de Hollywood há exatamente dez anos, depois de conquistar o Oscar por "O Artista" (2011). Ele está finalizando a animação "La plus précieuse des marchandises", adaptação da prosa de Jean-Claude Grumberg sobre bastidores do campo de concentração de Auschwitz. A trama narra a batalha de um jovem para sobreviver ao Holocausto. Elementos fantásticos cruzam sua jornada, assim como se vê em: "O Príncipe Esquecido" (no original: "Le Prince Oublié").

Inédito em cinemas no Brasil, essa fantasia orçada em 20 milhões de euros (uma fortuna para os custos do Velho Mundo no audiovisual) se apoia no carisma de Sy para investigar o universo dos contos de fadas nestes tempos de iPhones, Android e iPads. Era um blockbuster nato, fabricado para arrebatá-lo (e pra comover) multidões. Mas teve o infortúnio de ter sido lançado às vésperas do lockdown global por conta do coronavírus, há dois anos. Com isso, cifras milionárias foram reduzidas à venda de 907 mil ingressos.

"É um filme para emocionar crianças, adultos, idosos. Inegavelmente, nós fizemos o que se chama de 'filme família', pois tentamos conversar com os públicos infantojuvenis, a partir de criaturas mágicas e situações fantásticas. E tentamos, ao mesmo tempo, falar com os adultos, pelo prisma da angústia do ninho vazio, do desapareço

dos filhos quando eles adolecem, dos conflitos da paternidade", disse Hazanavicius ao Correio da Manhã em uma entrevista em Paris, promovida pelo fórum Rendez-vous Avec Le Cinéma Français. "Pouco antes do lançamento, eu fui levar meu cachula para uma projeção de teste do longa, e ele ficava me cutucando, dizendo: 'Pai, isso aqui tem a ver com o senhor não tem não? É a sobre a gente, né? Danado esse meu garoto. Ele percebeu a dinâmica de buscar diálogo com as mais variadas faixas de público, mas preservando uma reflexão crítica existencial'".

Na França, há uma década, 3.064.892 foram ao circuito aplaudir "O Artista", cujo faturamento esbarra em US\$ 133 milhões. Antes de sua homenagem ao cinema mudo, Hazanavicius já fazia fortunas com a franquia "OSS 117", num par de longas que dirigiu em 2006 e 2009, com Jean Dujardin na pele de um atrapalhado espião. O pri-

meiro, "Uma Aventura no Cairo", somou 2,2 milhões de espectadores. O segundo, "O Rio Não Responde Mais", rodado em solo carioca, atraiu 2,5 milhões de fãs de Dujardin. E, não satisfeito com cifras altas, o cineasta parisiense de 56 anos ainda se meteu a desafiar um mito da Europa, o diretor Jean-Luc Godard, na comédia "O Formidável", que lhe rendeu uma indicação à Palma de Ouro e um mar de elogios. "Custei a montar conexões entre meus filmes, por serem bem diferentes entre si. Contudo, ao mergulhar na história de Godard, notei que estou sempre correndo atrás de personagens desconectados, sem lugar estabelecido na lógica do mundo, como é o personagem de Omar em 'O Príncipe Esquecido'... como somos nós, pais", brincou o diretor, que veio ao Brasil, há cinco anos, participar do Festival do Rio.

Quem sintonizar na Globo hoje à tardinha vai acompanhar o talento de Hazanavicius em sua química com Sy, nos sets. O ator brilha no papel de Djibi, um contador de histórias profissional, que embla os sonhos de sua filha, Sofia (a ótima Sarah Gaye), com fábulas nas quais ele é um nobre guerreiro, cercado por criaturas nada ortodoxas como um ser de plástico cujo corpo serve de aquários para peixinhos coloridos. Em seu reinado, ele é amado por todos. Isso, pelo menos, até Sarah entrar na adolescência e começar a se incomodar com o jeitão abilolado e infantilizado de seu pai.

A situação dele piora quando ela se apaixona por um coleguinha de sala e passa a ignorar a companhia paterna. O rapaz se torna o novo príncipe, o que põe o reino de Djibi em risco de destruição, abrindo uma deixa para um vertiginoso tom de aventura. Em paralelo, o personagem de Sy, entrado em um modo decadência, começa a travar uma relação com uma vizinha sem noção interpretada pela atriz Bérénice Bejo, mulher de Hazanavicius na vida real.

"Tentamos apostar em efeitos visuais inusitados para o que a Europa costuma fazer", disse o cineasta. "A gente conta com uma boa história... e, melhor, temos Omar Sy".

CORREIO CULTURAL

Ao mestre
com carinho

Reprodução

A morte de Daniel Pellegrini segue sem solução

Doc sobre funkeiro assassinado vira fenômeno do Globoplay

Lançado no último dia 23, o documentário que conta a história do funkeiro MC Daleste (1992-2013) virou o novo fenômeno de audiência do Globoplay, o serviço de streaming da Globo.

“MC Daleste - Mataram o Pobre Loco” ficou em primeiro lugar em consumo entre todos os documentários e séries da plataforma na primei-

ra semana de publicação. Além disso, entre os dias 23 a 29 de fevereiro, o documentário foi o terceiro conteúdo mais procurado pelos usuários da plataforma de streaming, ficando atrás apenas da novela “Renascer”, no ar no horário das nove em TV aberta, e do BBB 24, campeão de público no Globoplay desde sempre.

Line-up

O REP Festival 2024, que vai de 21 a 24 de abril no parque Olímpico, anunciou sua line-up com mais de 100 artistas. Entre os convocados, Racionais, Djonga, Orochi, MV Bill, Xamã, MC Daniel, Major RD, Poze, Cone Crew, Tasha & Tracie e TZ da Coronel.

De BSB para Paris

Após deixar seu cargo na EBC, em que apresentava as lives com o presidente Lula, Marcos Uchôa tem novo projeto encaminhado. Vai apresentar um programa em plataformas online com Galvão Bueno durante as Olimpíadas de Paris, em julho.

Direto de Berlim

Seis filmes exibidos na edição deste ano da Berlinale, o Festival de Cinema de Berlim serão exibidos no Brasil pela Imovision. São eles: “The Visitor”, “My New Friends”, “My Favourite Cake”, “Black Tea”, “Sebastian” e “A Silence”.

Penhora

Caetano Veloso conseguiu a penhora do dinheiro proveniente das vendas do livro de Olavo de Carvalho, morto em 2022, para poder receber o valor que a Justiça julgou procedente após vencer processo contra Olavo que o acusou de pedofilia.

Baterista carioca Alfredo Dias Gomes comemora três décadas de carreira solo em disco que homenageia o lendário Elvin Jones

O baterista carioca Alfredo Dias Gomes comemora três décadas de carreira solo – e mais de uma dezena de discos lançados – com seu novo álbum “Tributo a Elvin Jones”, uma homenagem a um dos músicos que mais o influenciaram no instrumento.

“O fascínio pelo estilo de Elvin Jones é antigo”, conta Alfredo. “A primeira vez que o vi tocando foi em uma fita de vídeo VHS, ainda nos anos 80. Ele tocava jazz, mas de uma maneira diferente, com um estilo vigoroso, com uma pegada quase rock. Isso me fascinava, especialmente porque naquela época eu tocava fusion”, recorda o músico.

Desde então, a vontade de gravar Elvin Jones foi amadurecendo. Ao pesquisar sobre o baterista, Alfredo percebeu que em 2024 faz 20 anos de seu falecimento, ocorrido em 18 de maio de 2004. Foi então que decidiu fazer essa homenagem.

Para realizar o projeto, Dias Gomes escalou um respeitável time de músicos – Jessé Sadoc (trompete e flugelhorn), David Feldman (piano) e Jefferson Lescowich (baixo acústico). Gravado em seu próprio estúdio, na Lagoa, com o engenheiro de som Thiago Kropf, o disco já pode ser ouvido nas principais pla-

Luis Eduardo Pereira/Divulgação



Divulgação



Alfredo Dias Gomes é um admirador da batida vigorosa de Elvin Jones e homenageia o ídolo em seu novo álbum

Carioca, filho dos dramaturgos Dias Gomes e Janete Clair, Alfredo Dias Gomes estreou profissionalmente na música instrumental aos 18 anos, tocando na banda de Hermeto Pascoal, com quem gravou o disco “Cérebro Magnético” (1980) e participou de inúmeros shows, com destaque para o “II Festival Internacional de Jazz de São Paulo”. Também tocou e gravou com Márcio Montarroyos, Ricardo Silveira, Arthur Maia, Nico Assumpção, Ivan Lins e muitos outros, além de participar da primeira formação do grupo de rock Heróis da Resistência.

Em sua discografia, Alfredo lançou os álbuns “Metrópole” (2021), “Jazz Standards” (2020), “Solar” (2019), “Jam” (2018), “Tributo a Don Alias” (2017), “Pulse” (2016), “Looking Back” (2015), “Corona Borealis” (2010), “Groove” (2005), “Ecos” (2000) e “Atmosfera” (1996, com participações de Frank Gambale), “Alfredo Dias Gomes” (1991, com a participação especial de Ivan Lins), além dos singles “A Lenda” (2023), “Vou Deitar e Rolar” (2020) e “Serviço Secreto” (1985).

taformas digitais.

Durante a gravação, Alfredo Dias Gomes fez ajustes especiais na sua bateria para capturar o estilo único de Elvin Jones. “Mudei toda a afinação, soltei a pele do bumbo e afinei no estilo do som do Elvin”. Essas modificações permitiram que Alfredo reproduzisse o estilo do renomado baterista de jazz.

No repertório de “Tributo a Elvin Jones”, Alfredo selecionou algumas músicas icônicas do baterista, como “Three Card Molly”, “Whatever Possessed Me”, “Someone’s Rocking My Jazzboat”, “October Child” e “Day and Night”. Além dessas, o lançamento apresenta uma composição original de Alfredo Dias Gomes, intitulada “Drum Solo & Duo”, com a participação do baixista Jefferson Lescowich.

Por Thales de Menezes
(Folhapress)

No primeiro dia de março chegou às lojas e plataformas um álbum que, ao mesmo tempo, vai conseguir aplacar as saudades de dois ícones do rock britânico: Oasis e Stone Roses. Com o nome simples e direto, “Liam Gallagher & John Squire”, o disco reúne em dez faixas o vocalista do Oasis com o guitarrista do Stone Roses.

As duas bandas são essenciais na cena roqueira de Manchester. Em 1989, o Stone Roses lançou seu primeiro e homônimo álbum, que levou o grupo direto ao estrelato. A repercussão foi tanta que era correto imaginar que o grupo criaria uma onda gigantesca de sucesso mundial.

Mas a banda se perdeu em excessos variados, levou cinco anos para um segundo disco e ele se mostrou um fiasco, decretando o fim do Stone Roses, exceto uma breve volta sem força e sem discos na década passada.

Todo o Olimpo que parecia aguardar a banda de Squire foi cair nas mãos do Oasis, que lançou seu álbum de estreia em 1994 e se transformou em inegável mania, comandada por Liam e seu irmão Noel, guitarrista e principal compositor da banda.

Depois do último álbum do Oasis, “Dig Out Your Soul”, de 2008, Gallagher formou a Beady Eye, que lançou “Different Gear, Still Speeding” em 2011 e “BE” em 2013. A partir daí, prosseguiu em carreira solo bastante ativa. São três álbuns de estúdio, incluindo “As You Were”, de 2017; “Why Me? Why Not?”, de 2019; e “C’mon You Know”, de 2022.

Embora boa parte da crítica não dê o braço a torcer e diga que seus discos soam como reuniões das faixas menos criativas do Oasis, sem o talento do irmão, “C’mon You Know” liderou as paradas britânicas e foi seguido por uma turnê consagrada, que incluiu um show para mais de 100 mil pessoas em Knebworth, em 2022.

Squire seguiu rumo bem dife-



Um dos melhores guitarristas do rock britânico, John Squire (E) tem nova chance de sucesso no álbum criado com Liam Gallagher

Pretenso, mas com muitas qualidades

Gallagher e Squire parecem estar se divertindo, já que a dupla não é só carrancuda no palco, também quer ser levada a sério no estúdio.

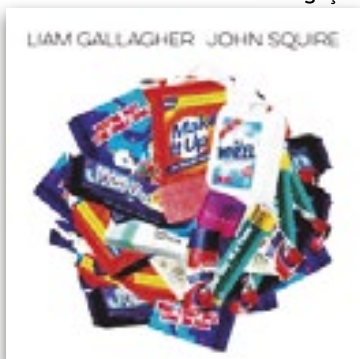
Também há espaço para Squire provar, pela enésima vez, que é um dos maiores guitarristas da história do rock britânico. O riff criado por ele para “I’m So Bored” é matador, num rock acelerado com a letra mais engraçada do disco, dando chance para Gallagher expor a persona pretenso que o marca para todas as gerações de fãs do Oasis: “Eu sou um imperador/ Eu sou um deus/ Eu sou um monstro... E estou enjoado de seus beijos”.

“Mother Nature’s Song” é a quase balada que fecha o disco e já teve uma definição disparada pelo próprio Gallagher: “Poderia entrar em qualquer disco solo de John Lennon”.

Bem, certamente não seria destaque em nenhum deles, mas é até compreensível a brincadeira. Há algo nessa canção um tanto ingênua que lembra o ex-Beatle nos momentos mais pueris.

Em sua conhecida e descontrolada arrogância, Gallagher disse que este é o melhor álbum de rock desde “Revolver”, que os Beatles lançaram em 1966. Depois de dar gargalhadas da empáfia sem tamanho do cantor, é preciso reconhecer que se trata de um ótimo disco, bom apanhado de canções rock and roll como há muito tempo o pop parou de produzir.

Divulgação



O polêmico Liam Gallagher (ex-Oasis) lança um excelente álbum com o guitarrista John Squire

rente. Lançou apenas um álbum com a banda Seahorses, ainda nos anos 1990, e não fez nada depois de seu segundo álbum solo, “Marshall’s House”, de 2004. Tocou aqui e ali, mas passou mais de cinco anos longe dos palcos, quebrando esse jejum justamente como convidado de Gallagher em Knebworth, onde os dois ofereceram à multidão uma performance incrível de “Champaign Supernova”.

Dois singles muito bons foram lançados nas últimas semanas como aperitivo para o álbum. O primeiro, “Just Another Rainbow”, parece uma música do Stone Roses com o vocal de Gallagher. Enquanto o Oasis tinha uma preocupação harmônica típica dos Beatles, o ex-grupo de seu parceiro criava atmosferas de viagem, quase hipnóticas.

Distribuído em seguida, “Mars to Liverpool” se aproxima mais do que o Oasis fazia, com refrão grudento para sair assobiando.

E então chega o álbum, e o resultado é bem melhor do que o esperado. “Raise Your Hands”, que abre o disco, é Oasis em estado puro. A mesma definição serve para “Love You Forever”, que tem todas aquelas pegadas de hard rock setentista que Noel Gallagher adora enxertar em suas composições. No solo, é um momento Hendrix de Squire, que casa muito bem com a canção.

Se alguma faixa pode apontar para uma sonoridade original da dupla, a principal candidata pode ser “Make It Up as You Go Along”, que consegue inovar mesmo num caminho que lembra os típicos singles que as bandas de garagem britânicas gravavam nos anos 1960, tentando ser Beatles ou Rolling Stones.

Ou então “You’re Not the Only One”, com um piano martelado freneticamente como soam as melhores canções agitadas de Elton John em sua juventude. Um dos raros momentos do álbum em que

Orquestra Sinfônica Jovem abre temporada de concertos executando peças de Grieg e Tchaikovsky

A Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro (OSJRJ), orquestra residente da PUC-Rio, fará seu concerto de abertura da temporada 2024 nesta quarta-feira (6), às 19h, no Theatro Municipal. Sob a regência de Tobias Volkman, a Orquestra vai apresentar obras de Edvard Grieg (1843-1907) e Piotr Tchaikovsky (1840-1893), e contará com o pianista Leonardo Hilsdorf como solista.

Do norueguês Grieg a peça selecionada foi o Concerto para Piano em Lá Menor, Op. 16. Já a obra do russo Tchaikovsky incluída no programa foi a Sinfonia No 4 em Fá Menor, Op. 36.

A apresentação dá início também a uma extensa agenda de concertos que acontecerão ao longo do ano celebrando os 10 anos da orquestra. Formada por 55 jovens, em sua maioria moradores de comunidades do Rio de Janeiro, a OSJRJ faz parte do projeto Ação Social pela Música do Brasil (ASMB), que atua com ensino de música clássica a jovens e crianças que vivem em áreas de vulnerabilidade em todo o estado.

“É uma enorme satisfação ver toda uma geração, em uma década, que começaram crianças e pré-adolescentes, tornando-se músicos profissionais adultos, cada vez mais desenvolvidos, com altíssimo nível técnico e artístico...um motivo de orgulho para mim e para todos nós do projeto social”, afirma Fiorella Solares, diretora da Ação Social pela Música do Brasil, que completa: “a orquestra conquistou um espaço



Com regência de Tobias Volkman e tendo o pianista Leonardo Hilsdorf como solista, a Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro abre a temporada 2024 com concerto no Municipal

Jovens talentos saúdam gênios da música

importante na vida cultural do Rio de Janeiro e eles fizeram por merecer, com muita dedicação, disciplina, estudo, foco”.

“A Orquestra Sinfônica Jovem do Rio de Janeiro é como um rebento que faz 10 anos e enche de orgulho quem o viu surgir e cres-

cer”, comenta Tobias Volkman, que desenvolve carreira de destaque no cenário musical brasileiro e já esteve como convidado à frente de mais de 30 orquestras na Europa, Estados Unidos e América do Sul. Foi Maestro Titular da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do

Rio de Janeiro e também Principal Regente Convidado da Orquestra Sinfônica Nacional UFF.

Para o regente, a OSJRJ “é uma filha que vi nascer, que aprendeu a andar com as mãos agarradas às minhas, e que a cada passo mais ousado que dá, deixa meus olhos marejados de tanta emoção”, que pôde acompanhar a orquestra e seus músicos em diversos momentos de seu amadurecimento.

Solista no concerto desta quarta-feira, Leonardo Hilsdorf é considerado um dos principais expoentes da nova geração de pianistas brasileiros. O músico vem se apresentando com sucesso no Brasil, Estados Unidos e Europa e acumula algumas importantes premiações internacionais na Alemanha, França, Itália, Espanha, Portugal, México e Brasil. Entre eles, obteve o prestigioso prêmio Nadia et Lilit Boulanger em Paris, e o prêmio especial da União Europeia de Concursos de Música para a Juventude em San Sebastián (Espanha).

Sobre o programa, Volkman destaca o grande virtuosismo e a

profunda expressividade de ambas as obras: “enquanto o concerto para piano de Grieg exige ao máximo do solista em sua técnica, sofisticação e maturidade musical, a Quarta de Tchaikovsky exige tudo dos músicos da orquestra em termos de técnica, resistência física, disciplina musical, concentração e, acima de tudo, expressividade e profundidade de sentimentos”, pois, o maestro ressalta, “foi uma obra escrita após um período de profundo sofrimento do compositor, que experimentou o desespero e a angústia máxima, mas conseguiu sobreviver e transfigurar este calvário numa obra prima do romantismo russo”.

SERVIÇO

ABERTURA DA TEMPORADA 2024 DA OSRJ

Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia)
6/3, às 19h

Ingressos: plateia e balcão nobre - R\$ 40 e R\$ 20 (meia); balcão superior - R\$ 30 e R\$ 15 (meia); galeria - R\$ 20 e R\$ 10 (meia)

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Trador estético, capaz de passar por cima de todas as incongruências morais do país e de nossa pontual inércia na recepção de exercícios audiovisuais, “Levante” chegou ao circuito carioca muito bem referendado por prêmios país – e planeta – adentro. Mobiliza plateias ao mesmo tempo que prepara as malas para encarar a competição oficial da maratona italiana Bergamo Film Meeting. O evento começa neste sábado e vai até o dia 17. Sua realizadora, Lillah Halla, vai concorrer por lá com outra produção brasileira: “Até que a Música Pare”, de Cristiane Oliveira.

Concorrentes estrangeiros de peso como o belga “The Wall”, de Philippe Van Leeuw, e o romeno “Os Bravos Rapazes Vão Ao Paraíso”, de Radu Potcoava, estarão em fricção com os títulos aqui do Brasil, onde Lillah vem devorando uma láurea atrás da outra, a começar pelo troféu Redentor de Melhor Direção no Festival do Rio, em outubro. Na sequência, em dezembro, seu debate poético sobre o direito de uma jovem sobre o destino de seu próprio corpo conquistou sete troféus, entre eles o de Melhor Filme, no encerramento do Fest Aruanda, na quarta-feira, em João Pessoa (PB).

Exibido na Semana da Crítica de Cannes, em maio, quando ganhou o Prêmio da Federação Internacional de Imprensa Cinematográfica (Fipresci), o longa-metragem deixou a Paraíba com as láureas de Melhor Atriz (Ayomi Domenica), Atriz Coadjuvante (Loro Bardot), Roteiro (de Lillah e Maria Elena Morán), Som (Wáldir Xavier) e Figurino (Nicole Davrieux). Foi agraciado ainda com o prêmio da Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine). Faz pouco, a produção conquistou o Coelho de Ouro no Festival Mix Brasil.

Sempre que a Fipresci concedeu sua láurea (definida como O Prêmio da Crítica) a um longa brasileiro, os caminhos dos títulos vencedores – e das vozes autorais por trás de sua direção – se abriram para o Infinito. Foi o que se viu com “Memórias do Cárcere” (1984), de Nelson Pereira dos Santos (1928-2018) ao ser laureado na Quinzena da Croisette; de “A Febre”, de Maya Da-Rin, em Locarno, em 2019; de “Pendular” (2017), de Julia Murat, galardoado em Berlim; e “O Som ao Redor”, que levou o mimo em Roterdã, em 2012. “Levante” faz jus a essa tradição. Quem quiser saber o que sua narrativa tem de mais possante pode prestigia-la hoje, às 14h30 e às 18h50, no Estação NET Botafogo, ou às 21h30, no Espaço Itaú.



‘Levante’, de Lylalah Halla, foi laureado na Semana da Crítica em Cannes

‘Levante’ corta para Bergamo

Em cartaz no Rio, produção nacional revelada em Cannes, e premiada mundialmente, entra na grade competitiva de um dos mais tradicionais festivais da Itália

O júri escalado para analisar o longa de Lillah em Cannes destacou a forma madura, nada submissa, com que Lillah Halla tratou o tema do aborto em seu longa, que é editado com a fluidez de um trem-bala pela sempre impecável Eva Randolph. Eva ganhou o Redentor de Melhor Montagem na Première Brasil no Rio, há cinco meses.

“Como o cinema tem espaços de poder,

é importante mostrar que um objeto como esse filme tem força, na criação de espaços seguros”, disse Lillah ao Correio da Manhã, na Croisette.

Egressa do Teatro e formada pela Escuela de San Antonio de Los Baños, em Cuba, Lillah assina a direção apoiada na força da atriz Ayomi Domenica Dias. Junto dela, e de um elenco em fina integração, ela constrói uma

trama sobre os dilemas morais mais medievais do país, dissecados a partir do processo de uma jovem atleta que engravida sem desejar e opta por abortar. Mas vai enfrentar resistências por isso.

“Gosto do termo ‘militância estética’, mas a estética aqui é resultado de um processo que se dá no simbolismo de uma quadra de vôlei, com dois lados se chocando, separados por um limite tênue”, diz Lillah, que está decidindo em que festival exibir seu longa este ano, com a promessa de estreá-lo comercialmente em 2024. “É um filme que nasceu de uma estratégia coletiva, absorvendo tudo o que aconteceu no Brasil no período em que seu roteiro foi sendo desenvolvido. Nele, fomos gerando imagens de um futuro possível”.

Em seu interesse por títulos em língua portuguesa, a curadoria do Bergamo Film Meeting de 2024 dedica atenções à animação lusitana. Além de uma seleção de curta, o festival promove uma exibição do estonteante desenho “Nayola”, de José Miguel Ribeiro, realizador de “A Suspeita” (2000). O filme faz um balanço dos traumas bélicos de Angola. Sua trama segue três gerações de mulheres afetadas pela guerra civil: a avó Lelena, a filha Nayola e a neta Yara. Um segredo doloroso, uma busca imprudente, uma música de combate, um amor suspenso e uma jornada de iniciação: essa é a fórmula do roteiro, que foi aplaudido com ardor no Festival de Annecy, a Meca da estética animada.

DOR DE COLUNA NA POLÍTICA DO RIO, NÃO É NA VERTEBRAL. É CEREBRAL.



A leitura obrigatória
pra quem quer saber primeiro.

Coluna Magnavita

Todos os dias no Correio da Manhã.

Doa a quem doer.

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito

correiodamanha.com.br @correiodamanha

EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ